



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário

5 de Maio de 1990

Ano XLVII — Nº 1204 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

SETÚBAL

Todos os anos, as cenas pascais, semelhantes às do Evangelho, se repetem na nossa Casa. Os olhos do nosso coração e da nossa fé podem estar mais ou menos embotados. Daí a vivacidade com que nos impressiona a Presença do Ressuscitado. Na Segunda-feira Santa Alguém me «veio pedir um grande favor»:

— Deixá-lo oferecer e preparar o almoço de Domingo de Páscoa.

— Favores desses, faço-os sempre regalado, disse-lhe com alívio e alegria. Mas é Domingo de Páscoa, veja lá, se nos der a matéria-prima nós confeccionamos a refeição.

— Não, é mesmo por isso, por ser Domingo de Páscoa que eu quero vir fazer o almoço.

O homem foi ao seu rebanho e mandou matar seis dos melhores cordeiros. No armazém comprou arroz do mais caro. — Eu gosto de dar o que é bom — disse à senhora que se admirava da qualidade do cereal. Bananas. Uma *pepsi* enlatada a cada um e bolos secos. Manhãzinha cedo, o Senhor estava na cozinha totalmente imbuído na sua tarefa! Alegre, feliz, admirado com a organização dos rapazes, veio ao refeitório observar as ordens dadas pelo chefe ao pequeno-almoço, relativas ao horário do dia, aos ensaios da Festa e a outras tarefas, imprescindíveis da vida diária.

Comandou o enfeite das mesas e a distribuição das bebidas. Para os mais velhos trouxe vinho da sua adega.

Eram 11,30 quando Alguém chegou num carro simples.

Silenciosa e discretamente, deixou 18 bonitos bolos, grandes, achocolatados, com um ninho de amêndoas em cima. Desapareceu sem que ninguém se apercebesse. Nem apresentações, nem motivo do gesto, nem cumprimentos a ninguém. Nada. Viu-se que acredita no Evangelho. Deu. Gozou a alegria de dar e sumiu-se.

Vale a pena viver para saborear acções tão sublimes.

As redondas mesas onde se sentam 8 ou 10 rapazes brilhavam de doçura e de beleza. Era Páscoa.

A meio do almoço o Senhor que o preparara e servira, aproximou-se de mim, comendo de pé e de prato na mão e, muito humildemente, segreda-me: — Olhe, tenho em casa visitas e a minha família espera-me.

Levantei-me de repente. Ponho os olhos no magnífico quadro que embeleza a nossa sala de jantar.

Numa expressão genial que só os artistas sabem reproduzir, os discípulos de Emaús descobrem o Mestre no partir do pão.

Acompanhei ao carro a figura humana, que com tanto amor e carinho nos preparara a Páscoa. Dominava-me uma emoção sobrenatural assombante. Depois do abraço da despedida apeteceu-me lançar-me de joelhos na calçada.

O carro saíu velozmente. Afinal era Ele, o Ressuscitado, e eu não O reconhecera!

Escondido na figura simples deste homem tinha estado connosco com o carinho que só Ele sabe dar!

Jamais esquecerei a emoção desta Páscoa!

• As nossas Festas estão aí com a beleza de sempre e a maturidade dos 50 anos!

Espero que os amigos não falem. Façam propaganda. Tragam os seus conhecidos e encham as nossas salas.

Padre Acílio



O actual edifício das oficinas gráficas e d'O GAIATO, em Paço de Sousa, na objectiva do Jorge Cruz, cuja arte aproveita o reflexo do belo imóvel — na água do tanque.

TRIBUNA DE COIMBRA

FESTAS — Um amigo é um grande bem. Muitos amigos são dons maravilhosos. Todos gostamos de ter amigos. Nas Casas do Gaiato os amigos são preciosos. Deus implantou no coração de Pai Américo esta certeza que muitos acolheram como novidade. A Obra da Rua é de todos. É uma Obra da grande família que se ama e que é amada.

As nossas Festas, deste ano, vão ser mais uma grande prova de amor de família. Família que começou há cinquenta anos e quer abarcar todos os sem-família e sem rumo.

Alguns dos nossos mais antigos ofereceram-se para colaborar nas Festas. Depois, as mulheres deles a quererem colaborar também. Que coisa maravilhosa!

Organizaram programa. Agora são todas as noites de ensaio. Vêm de longe. Não se mostram cansados! Têm feito convívio fraterno. Perdem-se a rir. Trazem roupas já preparadas e peças para executar coisas novas. O Manelzito não pára por ver tanta coisa para fazer. É um mundo em movimento!

Pelo telefone sei alguma coisa de quase todas as terras aonde contactamos ir. O mundo de movimento cá dentro anda também lá fora: "Os bilhetes estão prontos. Já recebemos muitas coisas para o vosso jantar. Conte em tudo connosco. Estamos ansiosos, à vossa espera. Não se esqueçam de trazer os mais pequeninos, os 'Batatinhas'. Como sempre as nossas portas estão abertas".

São muitas provas de bom acolhimento. Não podemos ficar parados. Quando lerdes esta notícia já andaremos às voltas.

Padre Horácio

O livro CALVÁRIO está pronto

Na 3ª edição deste volume, ora com 288 páginas, Padre Baptista — autor da obra — põe todo o seu amor; ou não fosse o Calvário, para Doentes incuráveis, um lugar santo, último sonho de Pai Américo, onde aliás gostaria de passar os últimos dias de vida (mas o Senhor dispôs doutra forma). Qual menina dos seus olhos, diz porquê: «É um nome tirado do Evangelho. É o resumo de toda a economia da Redenção. Fazem hoje falta no mundo estes nomes, estas ideias, estas Obras humanas de sabor divino. Um lugar onde cada padecente leve, sim, mas não arraste a sua cruz dolorosa. Na verdade, todos compreendemos que se ele é difícil ao Incurável não ter onde viva,

quanto mais desesperado não ter um sítio onde morrer?! Temos obrigação de meditar nestas coisas e reagir contra o estado delas».

O Calvário, de Beire (Paredes), é o corolário da tarimba de Pai Américo, desde os primeiros tempos, como Padre da Rua — no reino dos Pobres. Uma Obra actualíssima, pois o mundo marginaliza cada vez mais os Incuráveis — sem lugar nos hospitais...! Estorvo para muita gente, mas predilectos de Deus.

O livro de Padre Baptista, esgotado há vários anos, está ao dispor dos nossos Leitores.

Júlio Mendes

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• Motivado pelas precárias condições de habitação de algumas famílias visitadas, em terras do Vale do Sousa, na Páscoa da Ressurreição, alguém desabafou: «Não fazia ideia do problema! Numa casa tínhamos que nos vergar... Há outras superlotadas. Salas já a servir de quartos. Não fazia ideia do problema!»

Não fosse a decisão, o heroísmo de muitas famílias — lutando contra tudo, contra todos — que se abalçaram (ou abalançaram) na construção dos seus lares, em regime de Autoconstrução, o Norte seria muito pior.

Agora, passámos num prédio que tem levado anos a levantar. O Autoconstrutor ultima pequenos biscates no telhado. «Isto é sempre a andar!» — exclama, lá de cima, com suor no rosto. Ainda não há muito tempo confessara que, só pela sua mão — não contando com a ajuda de amigos e familiares — poupara na obra centenas de contos. E mais barata ficaria se não fosse o preço do terreno.

Temos dito e repetimos: as carências poderiam ser minimizadas se a Administração Pública preparasse loteamentos infraestruturados a preços compensadores e em função dos réditos per capita, por família. São empreendimentos que não dão na vista... Mas têm obrigação de os realizar mais em força! Estimulamos muitos Autoconstrutores. Acompanhamos a sua odisseia; os reparos e queixas justificadas, por não serem compreendidos.

Admirável o espírito de poupança, de partilha familiar desta gente! No Entre-Douro-e-Minho boa parte das moradias erguidas por Autoconstrução tem uma história riquíssima, de renúncias e sacrifícios! Património que deveria ser bem avaliado, porque a maior parte da legislação dispersa sobre Autoconstrução permanece inactiva nos *Diários da República*. Se a invocarmos, onde e quando necessária, funcionários e homens públicos ficam espantados. Valha-nos Deus!

É curioso citar alguns extratos duma carta da assinante 27932, que mora numa região suburbana: «Não pude mandar a minha partilha porque tive de fazer obras na minha casa, ou seja na minha barraca (pois moro numa barraca!). Eu dormia no sótão e tinha que subir dez degraus; mas como sou deficiente, era um sacrifício muito grande. Dei mesmo duas quedas e, então, autorizaram-me a fazer um quarto no quintal e, por isso, tive muita despesa. Pedi ajuda à Câmara, mas ninguém me ajudou. Graças a Deus consegui fazê-lo e estou muito feliz. Envio dez mil escudos para dividir pelas mães solteiras mais infelizes, porque eu sei o que é ser mãe solteira. Peço as vossas orações por alma do meu filho Manuel. Ele era um filho exemplar!» Oh riqueza!

PARTILHA — Damaia de Baixo, dez contos, «pequeno contributo para essa cruzada de bem-fazer junto dos nossos irmãos mais pobres. Perdoem a insignificância (vivo apenas da minha reforma). Peço anonimato e não se incomodem a agradecer». Óbulo da viúva! Assinante 28740: «Envio um cheque e o que vai além das assinaturas são umas migalhinhas destinadas ao foliar dos Pobres. Deus vos ajude e dê muita

saúde para ampararem os que tanto precisam. As migalhinhas são em sufrágio das almas dos meus queridos familiares».

Com a mesma intenção, vai na procissão a assinante 7769, do Porto, também em acção de graças «pelo alívio dum sofrimento tão grande que tive recentemente».

Beco dos Ciprestes, Setúbal, cinco contos: «É pouco, mas de muito boa vontade. Se todos contribuíssem... haveria menos Pobres».

Presença da assinante 49647. Como «talvez sobre algumas migalhinhas» (de contas com O GAIATO), outra boa amiga da Rua do Pinheiro (Porto) pede que sejam «reservadas para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Mais, da capital do Norte, a assinante 113: «Desejando repartir, do que me resta, com os irmãos mais carenciados, remeto uma importância... para dividirem como entenderem melhor. Tenho sempre, na minha oração, a Obra da Rua, todos os que nela trabalham — e os Pobres. Que o Senhor os abençoe, são os votos da amiga de sempre». Deus lhe pague!

Assinante 9708, de Coimbra, «1.600\$00 para uns idosos». Na carta, há um pensamento de Iskrenni: «A felicidade não está na horizontal, mas na vertical».

O nosso Sonnemberg trouxe um sobrescrito que lhe foi entregue à porta da igreja da Trindade, no Porto, não se sabe de quem nem donde. Só Deus. Mais vinte contos da assinante 26731, da Póvoa de Varzim, «em acção de graças por quarenta anos de Matrimónio feliz».

«Velha amiga», de Figueira de Castelo Rodrigo, mil escudos, «pedindo uma oração por alma do meu querido Pai». Cumprimos. Cinco vezes mais do assinante 42971, de Ovar, que acrescenta: «É uma oferta minha por intenção minha». Metade, da assinante 26724, de Cantanhede: «Folar da Páscoa para uma família necessitada, protegida pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa».

Vinte dólares canadianos, de Vancouver, «pequena recordação e foliar da Páscoa para repartirem por quem mais necessitar. São tantas as carências que não chegará a muito. Vale a boa intenção». Habitual vale postal, de Maria Luísa. Outro foliar, de Marília, «minha modestíssima renúncia quaresmal» — sublinha.

Aquela boa amiga, do Porto, volta a passar, «de jacto», e deixa em nossas mãos — para os Pobres — 500\$00 «por alma de Germano» e dez vezes mais «por alma de meu Pai». O cheque, habitual, da «Avó de Sintra». E um oportuno alerta de «uma portuense qualquer».

Retribuímos, com amizade, os votos de santa Páscoa e, em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CONVÍVIO — Em 8 de Abril recebemos um grupo de Boim (Lousada), que gentilmente nos ofereceu uma merenda, compartilhada mais pelos pequenos, sempre presentes para estas coisas, pois os mais velhos arranjam outras formas de passar o Domingo: futebol, namoros, etc.

A comunidade agradece e, acima de tudo, frizamos o espírito amigo das ofertas.

PISCINA — Já foi limpa, estão a tratar da manutenção dos filtros e beneficiou duma pintura simples. Esperemos que não a sujem, até às férias.

OBRAS — O edifício da antiga tipografia está em fase de acabamentos. Falta o rés-do-chão. No 1º andar já funciona a actividade escolar.

A casa 1 será restaurada. Nas obras colaboraram os estudantes diurnos com afinco, durante a última semana de férias.

Atrás do balneário principiou a construção dum telheiro para guardar lenha que depois servirá para aquecer água para a Comunidade. Terá outra função específica: acolher os «Batatinhas» nos dias chuvosos.

ESCOLA — Chegou ao fim outra etapa escolar. Para alguns, com maior aproveitamento; para outros, não.

Os nossos Padres têm batalhado muito para que os estudantes dêem o seu melhor e atinjam o fim do ano lectivo com bons resultados, o que nem sempre acontece. Mas, vai sendo melhor de ano para ano.

ENCONTRO — Em 15 de Abril houve um encontro, no Lar de Coimbra, de alguns rapazes mais responsáveis nas nossas Casas do Gaiato e também alguns dos nossos irmãos mais velhos, incluído nas comemorações das «Bodas de Ouro» da Obra da Rua.

Para além da parte espiritual, abordámos assuntos de interesse para as nossas Casas: a responsabilidade dos chefes, o seu empenhamento e formação, etc... Somos uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

«Andorinha»

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Até qu'enfim! As aulas marcaram uma pausa, mas a vida, cá em Casa, continua com tempo propício para acabarmos de semear as nossas batatas. Os rapazes trabalharam com muito cuidado e muito suor.

A primeira sementeira já mostra parte do seu fruto e as batateiras foram sulfatadas assim como as árvores de fruto.

Também semeámos e plantámos feijão, tomate, abóbora, alface, couve, alho, cebolo, que são a nossa riqueza, fruto do nosso trabalho, porque um quintal recheado é sinal de bem-estar.

FESTAS — Como sabeis, a nossa Casa fez 50 anos no dia 7 de Janeiro, deste ano. No âmbito das comemorações um grupo de antigos gaiatos e as respectivas esposas ofereceram-se para participar nas nossas Festas e farão relembrar alguns números do seu tempo de juventude.

Os «Batatinhas» estarão, mais uma vez, presentes. Mas, para que tudo corra bem, são precisos muitos ensaios e, para cada número, roupas adequadas. Neste momento as senhoras da Casa e o «Manelzito» preparam a indumentária à medida e ao gosto de cada um. Terão em palco, de novo, um dos três primeiros gaiatos que entraram na Casa de Miranda no princípio da sua existência. Esperemos que gostem da Festa. Dêem o melhor apoio aos nossos «velhotes» que vivem connosco as

GRALHA

Na última edição d'O GAIATO, n.º 1203, temos uma gralha a corrigir: safu com o dia 24, mas ele é de 21 de Abril.

comemorações das «Bodas de Ouro» da Obra da Rua.

PÁSCOA — O que é, afinal, a Páscoa? Muitas vezes, as pessoas não conhecem o sentido desta palavra e muito menos a sabem viver. É preciso fazer «renascer» uma nova fé naqueles pobres de espírito, a fim de se libertarem. Pois, este é o testemunho que devemos transmitir para que «ressuscite» a alma perdida.

O lava-pés, a partilha com os Pobres, a via-sacra, a celebração pascal, a eucaristia e a liturgia são sinais de Deus, entre nós, é o «despertar» de um novo cristão. Sejamos cristãos e saibamos viver a Páscoa em paz — como irmãos.

DESPORTO — Recebemos uma excursão vinda de Espinho. Houve um convívio muito interessante e, mais para a tarde, antes de principiar o jogo, ofereceram um novo equipamento, uma bola e um calendário para cada um. Da nossa parte, receberam o tradicional galhardete.

O jogo foi muito competitivo, com a bola ao primeiro toque. Jogadas rápidas pelos flancos e golos. No fim da primeira parte vencíamos por 2-1. Mas, na segunda parte, tudo se modificou. A nossa defesa fraquejou e o ataque, muito lento, levou a equipa visitante ao fim, com o resultado de 2-3 a seu favor.

PEDIDO — Estamos inscritos num torneio de futebol nos arredores de Miranda do Corvo. Estará a nova equipa, muito jovem, e esperamos fazer bons resultados.

Por isso, tornamos a pedir aos leitores e assinantes se poderiam oferecer mais fatos de treino, bolas, luvas de guarda-redes, chuteiras e sapatilhas do 35 ao 45. O nosso material desportivo está gasto e é preciso substituí-lo. Agradecemos antecipadamente.

Carlos Zé

SETÚBAL

DESPORTO — Como andamos atarefados nas Festas, parámos a bola, porque a maioria dos futebolistas faz parte do elenco. Para além de ser uma grande responsabilidade, temos que fazer um pouco de sacrifício.

Os últimos encontros tiveram destinos diferentes: enquanto os seniores venceram a «Capri» por 3-1, os mais jovens empataram 1-1 em casa.

FUGAS — Mais dois rapazes decidiram abandonar-nos! Frequentavam o 7º ano. O Guilherme (reincidente) estudava na escola do Viso. O José António, na Bela Vista. Este parecia-nos uma pessoa sossegada. Mas, as aparências enganam. Resolveram ir para junto dos familiares. Esperamos que tenham sorte na vida e um dia venham a ser alguém.

AGRICULTURA — Este ano o tempo foi determinante em relação a quase todas as culturas agrícolas. Devido ao bom tempo, foi muito agradável para os nossos rapazes semear favas e também a plantação da batateira.

Na pecuária, a vacaria continua a dar bastante e apetitoso leite que bebemos ao pequeno-almoço.

Bebe-se leite com força e carne é coisa que não falta nas refeições.

PINTURAS — O sr. Tomé e o seu ajudante, Alvarinho, continuam a pintar

portas, janelas e paredes. O nosso Lar será todo arranjado. O salão já está. Já passamos todos a divertir-nos com pingue-pongue e bilhar. Agora, andam na sala de estudo que fica com outro aspecto.

Jorge Anjo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Por momentos, e enquanto ele ia falando, punha-me no lugar dele. E procurava ver o mundo com aqueles olhos azuis. Mas não via barcos de sonho, nem via o meu eu idealizado e projectado no futuro, para o poder imitar.

Nos nossos esquemas mentais, ou pelo menos de conversa, dizemos que «vale mais ser do que ter». Mas eu com aqueles olhos só via o ter e só descobria ambições grosseiras.

E depois, seria eu menos homem, ou teria menos dignidade? Só via um futuro seco de esperança e com muita revolta.

Santo Deus, mas aqueles olhos têm apenas 13 anos!? É possível começar a morrer tão cedo?

Não sei. Sempre que escrevo esta crónica, tenho vontade que ela grite; mas como não, risco palavra atrás de palavra. Canso-me por não conseguir dizer que, no fundo, não sabemos nada, sozinhos. Que corremos pela vida como uma roda de moinho. Que precisamos das certezas uns dos outros, ainda que pequenas, para sermos, para fazermos alguma coisa, em verdade. Sim, talvez tudo isto seja uma doce utopia, mas se o for não é também o Evangelho? Para desvelarmos o segredo da felicidade temos que desvelar os Outros. Deus guardou-o neles.

Aqueles olhos eram do Armando, filho da D. Lourdes, empregada a dias, doente dos joelhos. Já conhecemos a irmã, Floripes. Mas o Armando tem mais irmãos. Entre eles uma de 16 anos, grávida agora de 3 meses sem saber quem é o pai.

Quando a D. Lourdes mo contou, apeteceu-me dizer qualquer asneira. Caramba ainda nem sequer tínhamos arranjado um lugar para o bebé da Floripes!... Mandá-la embora e cruzar os braços. Valerá a pena umas quantas pessoas saírem de casa, à noite, para se encontrarem a pensar nestes problemas, depois de um dia de trabalho? Valerá a pena, umas quantas outras privarem-se do seu dinheiro e das suas coisas, para remediar situações irremediáveis?

Racionalmente sabemos que a pobreza é um problema profundo, de base etc...

Façamos o pouco que nos toca a nós realizar, do muito que sentimos, e depois entreguemos o resto a Deus que tem o segredo da Vida, também da nossa.

Eu recuso-me a acreditar que embora o sol nasça para todos, as flores nasçam só para alguns.

Não sentem como eu, quando vejo um desses bêbados, ou seja qual for o rótulo que se lhe ponha, que ali podia estar eu, que aquela massa é a mesma de que somos feitos?

O Armando estava à minha frente. «O primeiro dinheiro que ganhei, o meu pai roubou-me (...) Obrigá-nos a ir às oito horas para a cama; eu só queria era ter...»

Talvez so venham a ser Homens livres e sem traumas; Homens e não farrapos, aqueles que nunca conheceram a falta de liberdade que a fome segue, ou destino violado pela opressão doutros homens. Talvez. Mas eu não acredito e enquanto assim for, farei o que puder. Peço a grandeza de pedir perdão pelo tempo que vivo enrolado nos meus problemas.

É mais uma confissão e um pedido de ajuda.

Pereira

AGORA

Na ocorrência da Páscoa, como já veio acontecendo durante a Quaresma — pois se vai entendendo cada vez mais e melhor que as penitências têm sentido na medida em que a Caridade as enforma e a Ela se dirigem — a Autoconstrução foi bastante lembrada, quer mediante donativos que expressamente lhe foram dirigidos, quer em sugestões de partilha apresentadas quando do pagamento generoso de muitas assinaturas d'O GAIATO. Desde Faro, o assinante 30994, até à Maria Amélia, de Guimarães, muitas terras do Entre Minho e Algarve marcaram presença nesta campanha da Justiça que é proporcionar moradia digna a quem a não possui e só por si não pode chegar a possuí-la.

Porém, nem só, nem sobretudo, de numerário é feita esta coluna. O que lhe dá mais valia e eficácia são as mensagens, os clamores de uma consciência social assumida, que tantas vezes acompanham os donativos. Uma: «Recebi da venda da quinta onde meu marido tinha uma parte (eram 7 irmãos), uma determinada quantia que logo aproveitei para complementar o pagamento do empréstimo que fiz para poder comprar um pequenino apartamento onde vivo. Como sou viúva e só tenho meia reforma do Estado porque o que trabalhei em particular, tanto cá como em África, não contou, recebo pouco; por isso paguei a minha dívida para não ficar preocupada como iria buscar o resto do dinheiro daqui a poucos anos para a minha reforma tirar os constantes aumentos das mensalidades. Graças a Deus fiquei aliviada desse encargo.»

Resolvi distribuir o restante e como tenho muitos lados para onde enviar é um bocadinho para cada um.

Se puder ser, será distribuído por quem precisar de ver as telhas da sua casa consertadas ou início de obras. Como Deus me ajudou a pagar a minha casa, assim gostaria também de poder ajudar quem precise e só tenho pena de não enviar mais.»

Outra: «Dou graças a Deus por ter uma casinha confortável e só tenho pena de que nem todos possam usufruir ao menos um tecto para se abrigar. Se eu tenho esta casa foi a Câmara que ma fez, pois a minha casa estava a ocupar o centro de uma rua. Eu nunca teria possibilidades para o fazer, mas Deus deu-me a felicidade de a ver pronta e habitar nela, apesar da minha pouca saúde. Sou feliz e acho que não mereço tanta coisa boa que Deus me tem dado.»

Da letra, se percebe ser pessoa modesta. Do teor, se sente que é pobre. Os trinta contos que mandou, para a vulgaridade, seriam uma «necessidade inadiável»; para ela, é um excesso de Deus, pois «acha que não merece tanta coisa boa que Ele lhe tem dado». Por isso feliz: «Sou feliz!».

Quanto importantes e fartos de tudo o que o mundo tem para dar, queríamos poder dizer o mesmo: «Sou feliz!»...

Mais outra: «Caros Amigos. Amigos são os que nos fazem bem quando nos despertam a consciência para olharmos para baixo...»

Eu sou das que mais têm recebido de graças de Deus. Por isso, hoje, nos nossos 54 anos de casados, em vez da jóia costumada, resolvemos que seria melhor depositar esta importância nas mãos de joalheiros que têm a seu cargo o cinzelar de tantas jóias perdidas por este País para as devolver à sociedade o mais perfeitas que é possível, dentro de tantas, tantas dificuldades que se lhes deparam. Por isso, isto pouco é, também tenho disso a consciência, mas também nós repartimos por outros lados; é só uma ajudazinha.»

A «ajudazinha» foi meia centena e este P.S., a esclarecer dúvidas, se elas fossem possíveis: «Por favor não agradeçam; a obrigação é nossa». Esta é uma procissão de gente feliz, bendito seja Deus!

Querem ver mais outro?... É o António, de Leça, com os seus trezentos escudos... e «é pena ser tão pouco, mas a minha reforma é pequenina e a idade avançada. Mas de uma coisa podem estar certos: é que nunca passa dia nenhum sem pedir a Deus que vos ajude pela vida fora e agradecer ao Pai Américo tudo quanto tem feito por tão admirável Obra da Rua». Ora aqui está um grande «accionista» desta «empresa». Só Deus sabe e conta as orações deste Amigo e de tantos que

não podemos contar, as quais constituem o nosso melhor e mais garantido «capital».

E já que entrámos nesta maré viva de mensagens de Vida, temos aqui dois «rivais», de Ermesinde: Um, com cinco mil escudos, a «pena de não lhe poder acrescentar, ao menos, mais três zeros» e este desabafo: «Há tanto egoísmo, incluindo o meu agregado familiar. Unindo-me a vós e à vossa vida tão cheia, peço uma oração para que nos voltemos ao Amor — Deus e os Outros».

O outro, que é outra, envia trinta vezes mais, mas a cotação de Eternidade que cada dom merece, não se afere em números deste mundo. Só Deus a sabe. Só Ele a pode dar.

O melhor é o que se segue: «Quando recebo o vosso jornalzinho, que leio totalmente, fico triste por não poder acudir a todos os que precisam. Mas são tantos que só o Bom Jesus os poderá socorrer.»

No entanto, como não tenho filhos a quem deixar as poucas economias que consigo fazer, envio esta migalha para a distribuírem pelos que mais precisarem.

Sou professora primária reformada e, talvez por lidar com crianças desde a minha juventude, gosto tanto delas e fico tão triste quando sei que muitas são absorvidas por hábitos degradantes que sofro como se fossem meus filhos.

Como na minha idade já nada posso fazer por elas senão pedir a Jesus as desvie dos maus costumes, vou juntando as minhas economias e enviando-as, umas vezes para aí, outras vezes para outros centros de protecção a crianças e a jovens.

Que Deus me ajude a mim para eu poder ajudar os outros.»

Vamos agora dar lugar aos que o têm de longa data neste desfile cuja prisão o tempo não desgasta. É só um registar presenças que o escrito já vai longo e os que desfilam não carecem de mais apresentação.

É a da «Casa Seja Louvado N.S. Jesus Cristo». É a da «Casa da Paz», que sempre assinou apenas M.M. Mas aparece hoje um «casal que muito admira a vossa Obra e pede uma oração pelos que já partiram e nos foram tão queridos» e subscreve a sua dedicatória com M+M.

É M.L. com os mesinhos todos e o 13.º mês, mais os «rectroactivos do aumento da reforma» e, ainda por cima, «desculpas pelo atraso». Meu Deus, a delicadeza do amor, quando é autêntico, quando é reflexo sem mistura do Amor que Ele é!

É o Albano, de Aguiar da Beira, e a Dr.ª Felicidade, de Lisboa, e o J.P.R., vizinho do nosso Lar do Porto e o J.R.D., também do Porto, e «um obrigado pelo bem que me fazem através do jornal» e a «velha Júlia» com cinco mil «pela alma dos meus».

Do mealheiro do Teatro Sá da Bandeira, 31.200\$ entregues em 2

Padre Manuel António

Continua na página 4

DOCTRINA



O Pai do Céu faz cair a Sua chuva no campo dos justos e dos pecadores!
Do EVANGELHO

• De toda aquela revoada de dinheiro... nada mais apurei do que uma pequenina parcela de mil e quinhentos escudos, depositada agora no Banco, para acudir às despesas certas das Colónias de Férias que há-de vir. São as minhas relações sociais que me levam a tanto desbaratar. Não que eu receba em minha casa, que felizmente não a tenho, mas sou recebido nas dos mais com fama de gente rica; e porque a noblesse obriga, gasto ali os olhos da cara e faço «cães» nos mercados. E um dar miudinho, certo, e eloquente. E dar aos bons e aos maus, aos falsos e aos verdadeiros, aos que agradecem e aos que insultam; e dar na medida que Deus me dá — sem medida. E dar sobretudo às criancinhas, esses farrapões ignorados, estrelas de beleza moral com infinita capacidade de amar.

Aquele pequenino rubicundo que me beija e chora ao pé de mim o frio que rapa numa barraca de canas, armada no Choupal! Vou atrás dele, seduzido por tanta beleza, e encontro tudo como me fora dito. A mãe veio de Penacova com este e outro que são dois amores... sem amor de pai! Lava roupas, esfrega casas, cozinha ao sol, dorme nas palhas. Já de regresso à cidade, no barco do Modesto, ouço a última palavra dos pequeninos amores: «Olhe que nós passamos muito frio!»

• Outros são doentes, instalados em andares cimeiros, nas zonas do casario pobre. O primeiro passo a dar, no limiar de tais portas, é colocar os olhos na biqueira dos sapatos, não vá a gente tropeçar e cair na escuridão. O nosso miúdo repousa em palha moída, sobre tábuas de pinho nu. Outros mais pequeninos sentam-se no chão, embrulhados em retalhos de cobertor. E o mais miudinho de todos, nascido ontem, continua o sono da vida embrionária ao colo de um deles àquela hora do dia e todos em jejum, «que a nossa mãe gastou ontem o açúcar todo, no leite da menina» — as vítimas inocentes da fome lenta!

• Desço os degraus da escada, apoiado no corrimão e na voz que vem de cima: «Não caia meu senhor!» Nos andares fundeiros, mãos pobres e caridosas gastam fósforos na mesma toada; e se vacilo, em baixo, no labirinto da saída, é ainda a mão generosa do Pobre que vem ajudar o recoveiro deles, não vá ele enganar-se no piso e cair desamparado.

• Haja no mundo quem sobre as cinzas, que as labaredas do Bem irrompem por toda a parte. A Caridade, por ser verdadeira, traz consigo a sigla com que o Apóstolo a definiu: «Nunca fenece!» Ai! que se nós, os Pais, fôssemos todos da Nova Lei e se quiséssemos para nós a glória dos Apóstolos — «não tenho ouro nem prata» — que bem que nós faríamos com a nossa pobreza! E como havíamos de revelar ao homem quem ele é e quanto vale, nós que somos postos na vida para ser a luz do mundo!

D. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

CANTINHO DOS RAPAZES

Queridos rapazes: Venho dar-vos conta do que se passou no encontro que tivemos, no Lar do Gaiato de Coimbra, nos dias 8, 9 e 10 de Março. Estiveram representadas todas as Casas do Gaiato.

Os 50 anos da Obra da Rua — as suas Bodas de Ouro — foram o pretexto, este ano, para nos reunirmos. Que bom! Valeu a pena! O facto de se juntarem membros das diversas comunidades para conviverem, reflectirem e rezarem em comum, é um bem muito grande.

Eram 31 rapazes. Três, já casados — o Carlos Trindade, o Zé Martins e Júlio Mendes — ajudaram, dando o seu testemunho de irmãos mais velhos. Disseram coisas importantes para a vida de qualquer rapaz. Tanto mais valor têm quanto foram vividas por eles e continuam a sê-lo. São verdades comuns que, às vezes, andam esquecidas. Pai Américo falou nelas e deixou escrito o que pensava da sua importância.

A vida espiritual do rapaz, por exemplo, foi grande preocupação que queimou o coração de Pai Américo. Neste encontro, o Carlos Trindade disse da sua experiência no campo da vida espiritual e do cuidado a ter com ela. Está aqui uma fonte e uma força de equilíbrio

humano. É difícil chegar lá na idade em que muitos de vós vos encontráreis. Mas não se podem esconder os pontos principais que vos ajudam a caminhar na vida.

Estes encontros, se forem bem aproveitados, levam a conhecer melhor a Obra da Rua e a amá-la. Sois filhos. Vistes ao mundo para ser felizes. É o vosso sonho; e precisais de condições para o realizar. A Obra da Rua quer ajudar-vos. Olhai que digo: quer ajudar-vos. Ninguém pode nem deve substituir-vos. Tendes que ocupar o vosso lugar. Mal vai quando acontece o contrário.

Vede a Natureza. O que é que a faz tão rica e tão linda? É a variedade, quando todas as partes estão no seu lugar. Cada uma tem o seu.

Olhai a Família. Porque há famílias felizes? Porque cada membro está no seu lugar. Não é o mesmo para todos. Cada um tem o seu.

Assim a Obra da Rua. É como a Natureza, é como a Família, quando cada membro está no seu lugar. É o problema da responsabilidade. Quero dizer-vos com isto que haveis de assumir a responsabilidade que vos é entregue.

A este propósito, o Zé Martins deu o seu testemunho. Falou da responsabilidade dos mais velhos e, em

particular, dos chefes, dentro das nossas Casas. Eles, os chefes, não de ser o sinal duma comunidade preparada para acolher os filhos da rua que vão chegando.

Não sei até que ponto vos apercebeis da grandeza desta missão. É um trabalho importante a fazer convosco ao longo dos dias. Digo-vos mais: é um trabalho que está entre os primeiros.

A Obra da Rua quer dar-vos tudo o que pode. Ajudai-a com a vossa generosidade no trabalho que fazeis. Entrai sem medo no seu coração. Ela tem lugar para vós até ao fim. Só pode caminhar convosco, dentro e fora de portas. Por isso, chama aqueles que querem viver do seu espírito e prolongá-la, oferecendo-lhes lugar para o seu trabalho. O nosso Júlio Mendes falou desta vocação, a partir da sua experiência, há muitos anos.

É, sobretudo, aos mais velhos que se dirige este Cantinho. Pela vossa idade, pelo tempo que levais de Casa, estais melhor preparados para o entenderdes.

A manifestação religiosa é uma das características mais relevantes da vida social da população de Maputo.

Aos domingos, por toda a parte se ouvem grupos religiosos em celebrações entusiásticas de louvor, entoando cânticos suaves de profunda elevação espiritual. Sobretudo nos bairros pobres, as pessoas juntam-se para celebrarem a sua fé ou crença nos mais variados recintos. Até nas cubatas ou nos pátios cercados pelos bardos verdes e floridos se juntam homens, mulheres e crianças a cantar, a rezar, a ler, a ouvir, a pregar e a dançar em comunhão de encantamento e alegria religiosa, espantando o observador do sofrimento colectivo desabado sobre esta maravilhosa gente!

As preces mais fervorosas e de desejo mais profundo e mais sentido são as orações pela Paz.

— Senhor, dai-nos a Paz! Dir-se-ia num grito unânime, quase desesperado, irrompendo continuamente do coração de cada moçambicano.

A paz é a primeira de todas as necessidades.

A Igreja Católica congrega a maioria dos crentes. Maputo tem cinco

ÀFRICA

Por:
Padre Acílio

ou seis paróquias, cada uma das quais apetrechada de espaçosos templos. Quase todos exercem benéfica influência nos caniços mais próximos, onde constroem salões para a celebração da Palavra, da Eucaristia, da Catequese ou mesmo para o ensino escolar. Aqui funcionam para algumas crianças o que eles chamam as «escolinhas» — ensino pré-primário normalmente orientado por religiosas — magnífica gente de grande envergadura cristã.

Funciona ainda uma cozinha onde se confecciona uma refeição — às vezes, a única diária a que as crianças têm acesso. Aqui se celebra, se manifesta e se vive em autenticidade evidente a Boa Nova de Jesus Cristo.

Num destes salões polivalentes celebrei com outro missionário culto, inteligente e generoso. Como o Padre Telmo já referiu no seu partilhar, todos os actos de culto são demorados. O povo não tem pressa. Gosta imenso de se reunir, de gozar a festa, saborear a Palavra que eleva e partilhar a alegria dos dons e valores eternos.

O ofertório foi dançado. No fim da comunhão surgiu espontaneamente, como um contágio irreprimível, a manifestação rítmica corporal de algumas velhinhas a cheirar a mijo, cantando a acção de graças e dançando com uma perfeição encantadora, uma inocência angélica e uma ternura de arrebatador, ostentando a mão num cumprimento respeitoso e querido aos sacerdotes.

A Sé, um templo enorme, da década de 50, foi também um lugar de encontro com uma parte do Povo

de Deus. E uma surpresa deliciosa. Na Igreja da Polana as cores e as raças do Povo católico misturavam-se sempre em proporções mais ou menos iguais, mas na Sé não. Encontrei a Basílica cheia de gente negra à Missa das 7,30 e das 9,30. Um espectáculo surpreendente,

AGORA

Continuação da página 3

de Dezembro passado e 72.700\$, em 31 de Janeiro. No Espelho da Moda, onde são feitas as entregas, é capaz de já lá estar outra bolada.

E termino com esta assinante que agora se inscreve, mas deve ser leitora de longa data e diz assim, a acompanhar a centena que envia: «Recebi uma grande graça por intermédio do querido Padre Américo. Recorro a ele sempre que tenho dificuldades para resolver. Estimo-o e admiro a sua Obra.

Deixo uma oferta como reconhecimento e gratidão pelo muito que lhe devo. Peço as vossas orações por mim e pelos meus amigos e parentes. Sobretudo que ele nos obtenha a todos a graça de vivermos segundo a Vontade de Deus e nos dê um coração aberto e amigo para todos fazermos o bem como ele nos ensinou com o seu exemplo».

Padre Carlos

inesperado e muito feliz. À entrada do templo, as pessoas juntavam-se em conversa amena, feliz, exuberante. À saída, as cenas repetem-se, rodeando por algum tempo a Catedral e dando ao espaço uma bela expressão de vida e comunicabilidade. A maior parte dos vestidos com que se cobrem foram dádivas da Europa — os negros chamam-lhes «as calamidades» — mas as pessoas apresentam-se limpas, asseadas e os homens põem todos a sua gravata.

Presidii à Eucaristia, na Catedral, um sacerdote jovem, negro retinto, mas muito entusiasta e com autêntico sentido da sua missão. As introduções,

os cânticos, as leituras, as traduções, o ofertório, a comunhão, os avisos, tudo foi comandado irrepreensivelmente pela comunidade participante.

Já me tinha apercebido, no grande mercado e nos pequenos ajuntamentos, mas sobretudo nas celebrações dominicais, e nesta da Sé verifiquei uma sensação muito positiva — um fruto bom da independência: O Povo sente-se na sua terra apesar de todo o sofrimento que este caminho acarretou.

Quando, há vinte e três anos, visitei Moçambique não experimentei a mesma impressão relativamente aos negros.

FESTAS

• CENTRO

LEIRIA — 4 de Maio, às 21,30 horas, no Teatro José Lúcio da Silva; ARGANIL — 6 de Maio, às 15,30 horas, no Teatro Alves Coelho; TOMAR — 11 de Maio, às 21,30 horas, no Cine-Teatro; COIMBRA — 12 de Maio, às 15,30 horas, no Teatro Gil Vicente; FIGUEIRA DA FOZ — 13 de Maio, às 15,30, no Salão do Casino; COVILHÃ — 18 de Maio, às 21,30, no Teatro Cine; CASTELO BRANCO — 20 de Maio, às 15,30, no Salão da Misericórdia; MIRA — 26 de Maio, às 21,30, no Salão da Casa do Povo; CANTANHEDE — 2 de Julho, às 21,30, no Salão dos Bombeiros; MEALHADA — 9 de Julho, às 21,30, no Cinema Messias; LOUSÁ — 16 de Julho, às 21,30, no Salão da Escola.

• SUL

5 de Maio, às 21,30 h, Sociedade da Quinta do Anjo — PALMELA; 12 de Maio, às 21,30 h, Sociedade Filarmónica Humanitária «Caceteiros» — PALMELA; 18 de Maio, às 21,30 h, Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense — AZEITÃO; 20 de Maio, às 21 h, Forum Luísa Tody — SETÚBAL; 2 de Junho, às 21,30, Sociedade das Cabanas — PALMELA; 9 de Junho, às 21,30 h, Igreja Nova da COSTA DA CAPARICA.

PARTILHANDO

Ao casal de Barcelona que quer abandonar a cidade para poder, no campo, levar uma vida cristã próxima do viver dos primeiros cristãos:

Queridos irmãos, será que nesta Europa haverá ainda um lugarzinho para uns primeiros cristãos? Talvez, nas neves dos Alpes ou entre os fragedos inóspitos do Gerês...

O mais importante, porém, não é o lugar; sim, o espírito. Seja: a fé no Senhor Jesus e o espírito de fraternidade e de pobreza.

Diffícil ser fraterno com todos os outros em cada instante do dia... Tarefa de gigantes, o ser pobre em espírito: coração liberto e sentidos desligados das coisas, só as usando como ajudas no caminho do deserto — rumo à Pátria.

Assim, os primeiros cristãos. Um pouco assim, em muitas sanzalas de África.

Vejam:

A sanzala X na chã de capim só tem uma rua — aberta e varrida. As cubatas são de colmo e terra batida. Dentro, não há móveis; somente os luandos para dormirem, a lata da

água, poucos terecos de cozinha, o pilão e o saco da fuba. A família leva tudo à cabeça e duma só vez.

A capela fica no meio da linha de cubatas.

A simplicidade com que assistem à Missa!

A humildade com que se ajoelham aos pés do sacerdote!

O fervor e a vida que põem nos cânticos!

Os olhares mansos e carregados de esperança!

A paciência em todas as atitudes... Só maior a de Deus!

Será ali que o Senhor está escolhendo os seus profetas?!

Eles nos virão ensinar a viver a fé, a partilhar os bens e a orar.

Pois, irmãos de Barcelona, talvez lá, nas «verdes campinas de África»...

Os paus e o capim usados na construção das palhotas, são de todos; a terra, de quem a trabalha; a água dos que a precisam. Tudo isto, com a chuva e o sol, são maravilhosos dons de Deus.

Talvez lá, sim.

Padre Telmo

CARTAS

«Envio este cheque que se destina à minha assinatura de O GALATO. O que sobrar que seja usado para qualquer das tantas e tão vastas necessidades que, em cada jornalzinho, vêm relatadas. E chamo-lhe jornalzinho só pelo carinho, porque ele é grande, grande...!»

Para cada necessidade bem queria ter dinheiro e poder para acudir. Mas, o que eu mais queria, era dar a minha ajuda em pessoa; ser uma dessas 'Mães' de que tanto precisais e pedis — já que Deus não me deu crianças a mim — senão aquelas com quem trabalho e de quem tanto gosto. Ou, também, aqueles 'felizes em Deus' do Calvário.

Mas tenho em casa um 'filho', graças a Deus saudável, mas velhinho, que é o meu pai e que precisa de mim.

Por isso só posso dar algum dinheiro e as minhas orações pela vossa Obra.

Assinante 21788»

«Não sei se já pensaram que vai lá por Cima, onde se encontra Pai Américo, uma grande alegria... É por causa do que se passa no Leste. O Espírito que sopra onde quer, organizou por Lá um vendaval que levanta no ar todas as plúmbeas teorias do materialismo dialético. Só é pena andarem, também, no ar, os fantasmas trágicos de milhões de vítimas.

Andei pelo Leste. Presenciei, em Roma, a coroação do Papa João Paulo II. Desde esta última intervenção do Espírito fiquei à espera da alvorada da Esperança. Ela aí está, graças a Deus!

Assinante 21042»

«Querido O GALATO: Junto envio o cheque que pagará a tua assinatura e peço-te desculpa pela minha falta de cuidado, por não o ter enviado na devida altura.

Entretanto, agradeço tudo o que tens feito e louvo a Deus por isso. Faço votos para que cada um de nós seja capaz de ver a luz que o Senhor nos mostra. Obrigado por tudo.

Assinante 47776»

POEMA DA PÁScoa

Pelas crianças sem lar
Pelas que andam a mendigar
Pelos casais desesperados
E sem trabalho
Pelos jovens sem perspectiva
Cansados do peso da vida
Pela camada de ozono...
— Lutaremos todos!

Por uma sociedade
Mais justa e mais fraterna
Contra as solidões
Atrás de grades de prisões
Pelos imateriais sonhos...
— Lutaremos todos!

Pelo equilíbrio e beleza
Da Mãe Natureza
Pelo afecto às árvores
Aos animais selvagens e domésticos
Por um Mundo Novo...
— Lutaremos todos!

Manuel Amândio



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898

Depósito Legal n.º 1239
Tiragem média, por edição, durante o mês de Abril: 73.600 exemplares.